

VIROLI, Maurizio, *Scegliere il principe. I consigli di Machiavelli al cittadino elettore, Roma-Bari, Laterza, 2013, 108 pagine. (“Escolher o príncipe. Os conselhos de Maquiavel ao cidadão eleitor”)*.

**Antonio José Romera Valverde
PUCSP**

Maurizio Virolli (Forli, 14 marzo 1952) ficou conhecido do público brasileiro através da publicação de *Direitos e Deveres na República: os grandes temas da política e da cidadania*, escrito em parceria com Norberto Bobbio, editado pela Campus Elsevier, 2007. (Título original: *Dialogo intorno alla Repubblica*, Laterza, 2001). Conhecido também pela biografia de Maquiavel, intitulada *O sorriso de Nicolau: biografia de Maquiavel*,¹ editado pela Estação Liberdade, em 2002. De tom mais leve e humano que as biografias escritas por Ridolfi² e por De Grazia,³ pois traça a circulação de Maquiavel junto aos poderosos – papas, reis, imperador, burgueses -, as amizades e os amores, as constantes viagens diplomáticas à França, Alemanha, Suíça, a movimentação nas demandas de *legazioni* e de *commissarie*, negociações, em que representava a República de Florença, como Secretário da Chancelaria, destacando assim os nexos entre vida e obra. Virolli é professor das universidades Princeton University (New Jersey) e da Università della Svizzera Italiana a Lugano, além de consultor da Presidência da República Italiana. Primeiramente, estudou o pensamento político rousseauiano, na obra *Jean-Jacques Rousseau e la teoria della società bene ordinata*, de 1993, em particular, no âmbito do republicanismo, e, após, estudou o pensamento político maquiaveliano, em *Machiavelli*, de 1998, e *Il Dio di Machiavelli e il problema morale dell'Italia*, de 2005. A conjugar o republicanismo⁴ e o amor à

¹ No original: VIROLI, M., *Il sorriso di Niccolò. Storia di Machiavelli*, Bari, Laterza, 1998.

² RIDOLFI, R., *Biografia de Nicolau Maquiavel*, tradução Nelson Canabarro, São Paulo, Musa, 2003.

³ DE GRAZIA, S., *Maquiavel no Inferno*, tradução, São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

⁴ VIROLI. M., *Repubblicanesimo*, Bari, Laterza, 1999. _____, *Lezioni per la Repubblica. La festa è tornata in città*, Reggio Emili, Diabasis, 2001. _____, *Libertà politica e Virtù civile*. Significati e percorsi del Repubblicanesimo clássico, Torino, Fondazione Agnelli, 2004. _____, *The Idea of the*

pátria,⁵ refazendo os passos de Rousseau e de Maquiavel, Virolli constrói o norte de sua contribuição crítica à filosofia política contemporânea e à prática das eleições para cargos maiores e às escolhas de ministros.

Neste sentido, a obra em pauta coincide e complementa a motivação maior do Autor voltada à teoria e à práxis políticas. Além de apontar para a necessidade do cidadão eleitor de bem refletir ao momento de escolher o chefe político, o *príncipe*, em remissão mais direta a obra mais conhecida de Maquiavel, pelo seu viés pedagógico de dupla mão: dirigida aos governantes e ao povo. Isto porque, parece haver um lado militante intelectual de Virolli em movimento de chamar a atenção dos compatriotas para os deslizamentos da política italiana, como sugerido no título do escrito *La libertà dei servi*, Laterza 2010, cujo título mais explícito de suas intenções consta da edição inglesa, *The Liberty of Servants: Berlusconi's Italy*, Princeton University Press, 2011.

Em verdade, Virolli parece cumprir o que Rousseau vira em Maquiavel: o democrata a escrever para o povo, mais que para o *príncipe* e os poderosos. O livro *Scegliere il principe* é um recado claro aos eleitores italianos de agora, porém com um artifício excelente: colocar Maquiavel para “falar” da situação política atual, desde recortes de longas e oportunas passagens de sua obra. Com mais destaque para as citações dos *Discorsi*, um pouco menos de *Il Principe*, e recorrências a outros textos maquiavelianos. Assim, como Maquiavel esforçou-se para alertar os concidadãos a unificarem a Itália, vencerem os bárbaros, ressuscitando o “heroico furor” dos romanos antigos, Virolli lança o grito de alerta da *virtù* adormecida dos cidadãos eleitores contra a corrupção, a licenciosidade, a roubalheira, a falta de ética dos políticos. Como? Recapitulando passagens das obras de Maquiavel e inserindo-as no contexto do desmando político atual, da Itália.

A obra *Scegliere il principe* divide-se em vinte e oito capítulos curtos e ágeis, com títulos muito expressivos, como se fossem máximas maquiavelianas, em processo de atualização. Contudo, para além do pensamento político mais conhecido e

Republic, Cambridge, Polity Press, 2003. E também na coletânea BOCK, G.; SKINNER, Q.; VIROLLI, M. (Orgs.), *Machiavelli and Republicanism*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

⁵ VIROLLI, M., *Per amore della Patria*, Bari, Laterza, 1995.

divulgado de Maquiavel, pois os capítulos parecem sugerir que o leitor deva estar de antemão ao corrente do pensamento do Florentino, vez que a formulação apresenta-se de modo problemático, e, no limite, lança problemas para que ele pense e reflita – sem perder de vista o viés do ensinamento de como “funciona” a ação política, as tensões latentes e explícitas, o cálculo presente e ausente dos riscos da política nas tomadas de decisões pelos governantes. Ao final, o resultado é um aprendizado da gravidade e da importância da política no ponto de inflexão mais próximo e forte para o cidadão eleitor, que é a escolha do chefe político, desde o partido, a plataforma política, e, no limite, do regime político. Além da necessidade de atenção especial ao currículo do candidato e aos seus futuros passos, se eleito.

Escrito em linguagem elegante e com bem escolhidas recorrências ao pensamento de Maquiavel, o Autor enreda o leitor com muita habilidade, que ao final queda convencido da importância da escolha do melhor chefe político, em toda extensão da dificuldade de sondar os candidatos, os conselheiros, os ministros, os homens de Estado, em contraponto às mazelas antigas do *corpus* político, enunciadas e analisadas pelo Filósofo guia da reflexão. Nos capítulos, a forma escrita aproxima-se do estilo aforismático, desde o corolário, como nos textos mais conhecidos de Maquiavel. A novidade está por conta da demonstração problematizada, característica do aforismo, que impregna os capítulos. Quase desta forma: breve apresentação da situação política, seguida de citações oportunas e, como que, uma moral de fecho do corolário analisado e problematizado.

A leitura da obra de Virolli sugere também que, o excelente pesquisador, coloca sua pena a serviço de uma ordenação política superior, a partir da escolha mais livre e consciente por parte do cidadão eleitor, que possa assim melhorar a qualidade e o nível de interesse pelo bem público de representantes dos eleitores nas câmaras, assembleias, parlamentos, presidência. O que relembra o comentário de Rosa Luxemburg (1871-1919) ao companheiro Lênin (1870-1924), ao tempo em que ele fechara o parlamento russo. Rosa escreveu apontando o grave equívoco de calar a “caixa de ressonância da sociedade”. Virolli parece apontar que o parlamento e todas as instituições políticas devem balizar o que se passa na sociedade, porém, o nível dos debates deve ser elevado e mais qualificado, em vista do bem público e nunca dos

interesses privados. Como promover este salto de qualidade se não voltando ao criador da filosofia política moderna? As necessárias recorrências ao pensamento de Maquiavel para ilustração e atualização de problemas políticos são exemplares, ao longo do livro. Habilmente, o Autor desvia-se de abordar, de chofre, o campo mais pesado da explicitação do natural conflito da sociedade. Como se as ordenações políticas pudessem falar por si, acima do terreno pantanoso dos interesses de classe. Contudo, isto não compromete a envergadura da proposta. Porque - como hipótese extratexto – talvez tal problema já esteja consolidado, em solo italiano, em consequência de séculos anteriores de exercício político da explicitação de conflitos naturais e a correspondente criação de instituições políticas garantidoras de tal processo. – Mesmo sob crise duradoura.

Em síntese, o livro ensina porque não votar em homens ricos, em políticos corruptos e nos que prometem a lua... Ensina, à redundância, que o bem público deve estar sempre acima dos interesses privado e partidário, e como identificá-los, desde passagens modelares de Maquiavel. O que remete ao filósofo político italiano, Antonio Gramsci (1891-1937), que tão bem compreendeu o pensamento político do Florentino em vista de sua atualidade. A propósito, escreveu: “deve-se observar que a formulação dada por Maquiavel à questão da política (isto é, a afirmação implícita em seus escritos de que a política é uma atividade autônoma que tem princípios e leis diversos daqueles da moral e da religião, proposição que tem um grande alcance filosófico, já que implicitamente inova a concepção do mundo) é ainda hoje discutida e contraditada, não conseguiu tornar-se ‘senso comum’. O que significa isso? Significa apenas que a revolução intelectual e moral cujos elementos estão contidos *in nuce* (em embrião) no pensamento de Maquiavel ainda não se efetivou, não se tornou forma pública e manifesta da cultura nacional? (GRAMSCI, 2017, p. 57).”⁶ – Cultura nacional italiana, bem entendido, tal qual o substrato da proposição de Virolli da obra em tela.

⁶ GRAMSCI, A., “Caderno 13 (1932-1934). Nicolau Maquiavel. II, § 20”, In _____, *Cadernos do Cárcere*, volume 3, 8ª edição, tradução Luiz Sérgio Henriques, Marco Aurélio Nogueira, Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2017, p. 57. _____, “Quaderno 13 (XXX), 1932-1934: Noterelle sul Machiavelli”, § (20), In _____, *Quaderni del Carcere*, volume terzo, Quardeni 12-29 (1932-1935), a cura di Valentino Gerratana, Torino, Einaudi, 2014, p. 1599.

De tom reflexivo e de leitura instigante, o livro motiva e interroga o leitor acerca da ordem política, como um todo, em vista do momento político atual. Por certo, se traduzido e publicado, será uma contribuição ao debate filosófico-político brasileiro e, para além dele, aos cidadãos eleitores, tão carente de obras sérias e comprometidas, que superem o campo da pura abstração, de modo a superar a idealização política e adentrar a concretude do que se passa na ação da política real, em tempo de tanta licenciosidade e corrupção. Tudo isto desde o supremo *detalhe* da escolha do representante político, aquele para quem o cidadão eleitor delega seu poder de decisão e, no limite, a sua liberdade, que, na maioria das vezes, perde completamente o controle do voto dado, fato corriqueiro identificado pelas agências de opinião pública. Mesmo voltado, inicialmente, ao público italiano, o recado na forma de lição política vale também ao brasileiro, enfasiado com a política e politicagem. Enfim, um choque positivo na chamada “apatia dos bons homens” que existem na sociedade sob quaisquer circunstâncias, dispersos e sem coragem muitas vezes de colocar em discussão os temas da servidão, do voto de cabresto, do jogo das aparências – onde, propriamente, se joga os lances da política e da malignidade contemporâneos -, como apreciados em algumas passagens do livro. Aponta para a possibilidade de pensar a grande política, desde o fato basilar dela: o voto. Afinal, parafraseando Henri Lefebvre, *a política como o amor precisam ser reinventados*. A começar pelo ato político de escolher o *príncipe*.

Sampa, Inverno de 2018

Professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUC-SP;
Professor do Departamento de Filosofia da PUC-SP
E-mail: valverde@pucsp.br